

1 - extra da apply fic shut up and drive, no wattpad

A noite de Jay até o momento sem dúvidas conseguiu ser mais agitada que todos os seus anos como golpista; com uma missão quase fracassada — que, modéstia à parte, só conseguiram salvar por sua causa, já que ele percebeu a troca —, um sermão horrível que quase o fez mijar nas calças e uma bela sessão de bebedeira com seus novos melhores amigos do mundo inteiro, seu dia passou de tédio-ansiedade-medo-álcool em poucas horas. Depois de tudo isso, tudo o que Jay deveria fazer é dormir e descansar para acordar cedo no dia seguinte com Missy gritando em seus ouvidos, pronto para outra viagem longa que Camila provavelmente anunciaria.

Mas é claro que ele não faria isso.

Se despedindo de Ian e Missy, que capengavam enquanto se apoiavam um no outro, bêbados, Jay tornou a caminhar pelas ruas frias e agora desertas de Chicago em busca de um bar que ainda estivesse aberto e não estivesse lotado de bêbados andantes, pronto para gastar mais um pouquinho do cartão da Virtue — não que fosse fazer falta, de qualquer jeito.

Uma plaquinha de neon vermelha chamou sua atenção no meio da rua escura em que se encontrava. Lendo com cuidado, a palavra “INFERNO” se materializou em sua visão embaçada e despertou sua curiosidade. Inferno poderia ser tanto o nome de um bar super descolado ou então de um prostíbulo qualquer, e isso fez com que o espírito aventureiro de Jay se animasse por dentro para descobrir — afinal, nas duas possibilidades ele poderia se dar bem, não é mesmo?

Adentrando a portinha apertada de metal preto, Jay subiu uma boa quantidade de degraus barulhentos antes de ouvir uma música abafada e vozes conversando, que o fizeram concluir que ele estava em um bar. Quando entrou, se deparou com um lugarzinho aconchegante semelhante a bares de Jazz, com luz baixa avermelhada, mesinhas redondas espalhadas pelo lugar e um bar repleto de bebidas colocadas que ele mal podia esperar para experimentar e curar a sobriedade que começava a aparecer após seus longos minutos de caminhada.

Se dirigiu até a bancada do bar, movendo-se agilmente por entre as mesas quase vazias pelo horário tardio. Se sentando em uma banquetta confortável de couro vermelho, ele chamou o barman estranhamente bonito além da média com um sorriso abobalhado, pedindo o seu número de telefone e o que quer que fosse aquela bebida verde ali. Com um gole só, o gosto de maçã verde adocicado se fez presente, escondendo o alto teor alcoólico que queimou a garganta de Jay quando desceu. Para equilibrar e não morrer de ressaca depois com os gritos de Adam, Jay pediu uma garrafa de água bem gelada.

— Uma dose de vodca, por favor. — uma voz feminina com sotaque russo soou ao lado de Jay, fazendo com que ele se virasse para ver quem era a dona daquela voz peculiar.

Tinha que ser. Jay soltou um riso nasal, balançando a cabeça em negação ao ver que era a mesma garota que tinha mentido para ele mais cedo naquele mesmo dia. Como já estava

levemente alterado, seu bom senso que o impedia de se meter em encrenca já tinha desaparecido, o que significava que toda e qualquer chance de confusão que Jay pudesse estar se metendo, ele estaria aproveitando. Melhorando sua postura e colocando a expressão mais cínica possível no rosto, Jay se virou completamente para a garota de trancinhas e chapéu russo.

— Oi, Daisy! Deu tudo certo com aquele tanto de coisa que você comprou? Você saiu tão rápido que eu não tive tempo de perguntar. — ele sorriu debochado, os olhos afiados, e continuou antes que ela pudesse abrir a boca para falar — Ah, não, espera. É Mariya, né? Então, Mariya, qual é a sua, hein? Para quê mentir para alguém que tá te ajudando na maior boa intenção?

Mariya se encontrava em silêncio, olhando para a cara dele com os olhos levemente arregalados. Ele podia jurar que ela tinha ficado vermelha, mas não sabia se era apenas a iluminação da mesma cor ou seu estado meio bêbado. Ela olhou para todos os cantos possíveis daquele lugar, os olhos agitados fugindo do olhar interrogador de Jay enquanto ela pensava em como responder àquele interrogatório.

— Deu tudo certo. — a resposta rápida saiu de seus lábios antes que ela pudesse pensar melhor no que falar, e tudo o que ela pôde fazer foi estapear a própria cara, passando a mão pelo rosto para ver se acordava para a vida e ignorando a expressão incrédula do rapaz ao seu lado — Olha, não é nada pessoal, tá? É que eu não te conhecia, ainda não conheço, na verdade. Vai que você é um golpista que estava querendo roubar minhas coisas e clonar meu cartão?

Touché. Não é como se a intuição de Mariya estivesse errada, no entanto — Jay de fato era um golpista que, se não fosse por estar em missão, teria sim levado metade das coisas dela sem que ela percebesse. Mas ainda assim, custava confiar nele? Ele fez tudo com uma boa intenção, poxa.

— Hm. — ele estalou a língua, olhando-a de cima a baixo ainda meio magoado, com os lábios unidos em um beicinho birrento, mas suspirou, sorriu de forma animada e estendeu a mão para ela como uma criança fazendo amizade com outra criança desconhecida — Sou o Jay, muito prazer. Você disse que não me conhece, certo? Pois agora vai conhecer e eu vou te provar que sou confiável.

Mariya hesitou olhando para a mão de Jay como se quisesse falar algo, negar, sair dali. Jay chacoalhou a mão como se pedisse que ela a segurasse, o sorriso animado ainda presente em seu rosto e os olhos brilhando em uma determinação estúpida para fazer com que ela confiasse nele. Ela mordeu o canto interno da bochecha, olhou da mão para o rosto dele diversas vezes, mas suspirou, se dando por vencida. Assim que apertou a mão dele, ele deu palminhas, comemorando pela coisa mais idiota possível.

— Então, Mariya, quer ver um truque legal? — Jay sussurrou para ela como se estivesse contando um segredo.

Mariya não conseguiu evitar o olhar curioso que se arregalou diante da pergunta, assentindo igual a uma criança vendo um adulto fazendo um truque de mágica absurdo. Ela

assistiu com atenção enquanto ele tirava um baralho do bolso e embaralha a habilmente as cartas, de forma hipnótica. Quando já estavam bem embaralhadas, Jay ajeitou todas em um grande monte e espalhou-as nas mãos, com os números virados para baixo.

— Escolhe uma e memoriza o número e o naipe dela. — instruiu, parando de passar as cartas quando ela tocou uma com a ponta do indicador. — Essa? Ok, pega ela e memoriza bem. Quando terminar de memorizar, coloca ela onde quiser no meio do monte de cartas.

Após encarar a carta por alguns segundos, ela assentiu e colocou a carta escolhida no meio do baralho, olhando para Jay de forma ansiosa, querendo saber o que aconteceria. Ele tirou a primeira carta de cima do baralho, murchando ao ver que não era a carta dela. Ela riu suavemente, mas antes que pudesse zoar ele por isso, ele sorriu e passou as cartas pelas mãos, revelando que todas estavam com o número virado para cima. Perto do final do monte, uma carta apareceu virada para baixo. Ele indicou com a cabeça para que ela pegasse, o que ela fez com prazer, dando de cara com a carta que tinha escolhido: um seis de espadas.

— Nem fodendo. — ela olhou para ele boquiaberta, impressionada com o truque bobo dele — Como?

— Um mágico nunca revela seus segredos. — ele dramatizou, mas cedeu aos protestos dela, com um sorriso de divertimento — Enquanto você olhava para a carta eu virei o monte de ponta cabeça e deixei só duas com o número para baixo. — ele demonstrou o truque devagar, para ela aprender — Viu? Todo mundo cai.

— Que bobo. — ela observou, fazendo ele fechar a cara, mas completou, com um sorriso deslumbrado: — Incrível!

— É um dom. — ele deu de ombros, se apoiando no balcão.

— Tem outros? — Mariya perguntou, enquanto embaralhava desajeitadamente o baralho.

— Vários. Mas aí se eu te contar tudo vou perder meu trabalho. — explicou enquanto gesticulava, tendo uma ideia repentina enquanto ela fazia um muxoxo — Mas eu posso te fazer rir, se quiser.

Mariya estreitou os olhos, desconfiada, mas assentiu.

— Eu posso fazer xixi nesse bar inteiro e o dono ainda vai ficar feliz, quer ver só?

— Se você se der mal, eu não te conheço.

Jay chamou o barman bonitão, que parecia ser o dono do lugar, e tirou um pequeno bolinho de dinheiro do bolso da jaqueta.

— Quer fazer uma aposta, amigo?

— Depende... Que aposta? — os olhos do garçom não saíram do bolo de dinheiro enquanto a conversa se desenrolava.

— Eu aposto mil pratas que consigo mijar dentro de um copo enquanto corro pelo bar em três tentativas.

O garçom sorriu, os olhos brilhando com a ideia de ganhar mil dólares. Sem pensar duas vezes, ele concordou com o acordo, disponibilizando um copo para que Jay colocasse no chão, no meio do bar. Ao lado, Mariya segurava o riso, sabendo o que aconteceria em seguida.

— Eu não olharia, se fosse você. — Jay sussurrou para Mariya, antes de levantar, se alongar e posicionar o copo. Abrindo e abaixando um pouco a calça, Jay se preparou para correr pelo bar enquanto urinava. Ele repetiu o ato uma, duas, três vezes. No fim, o garçom comemorava por ganhar o dinheiro, enquanto Jay sorria satisfeito.

— Passa a grana, otário.

— Poxa, que pena... Eu jurava que já conseguir! — Jay resmungou consigo mesmo, enquanto terminava de beber sua água. Quando o garçom saiu de perto, ele se aproximou de Mariya para cochichar: — Se eu fosse você, eu correria para ir embora antes que o problema caia nas suas costas. — se virando para o garçom, ele apontou para o banheiro — Amigo, vou lá lavar a mão e limpar isso aqui, valeu?

Mariya foi embora rapidamente, enquanto Jay se dirigia ao banheiro para lavar as mãos. Quando saiu, se esgueirou para a saída do lugar e saiu correndo antes que o homem percebesse que ia ter que limpar sozinho aquela sujeira. Ofegante, ele parou na calçada, olhando ao redor para procurar por Mariya.

— E não é que você conseguiu? — Mariya surgiu atrás dele, gargalhando alto. — O coitado vai se foder para limpar aquilo lá, né?

— Com certeza. — Jay riu, colocando as mãos nos bolsos e olhando para o céu, que começava a clarear — Então... tá com fome? Tem um lugar legal para tomar café aqui, acho que já deve estar abrindo.

— Claro! — surpreendentemente, Mariya não pensou duas vezes antes de aceitar o convite. Parece que eles estavam fazendo um avanço, por sinal.

Parece que estavam fazendo um avanço, afinal.

Se dirigiram para a cafeteria que Jay indicou, trocando piadas e rindo alto, chamando a atenção de todos pela rua: de um lado, Jay fazia mais truques com as cartas, do outro, Mariya ria e implorava para que ele a ensinasse a fazer o mesmo. Entraram, pediram o que queriam comer e se sentaram em uma mesa de bancos estofados ao lado da fachada de vidro, enquanto viam as pessoas passando e criavam histórias e teorias para cada pessoa. O clima estava agradável, parecia que ambos se conheciam há anos, chegando até a falar a mesma coisa ao mesmo tempo.

Justamente por isso, quando Jay voltou do banheiro e se deparou com um assento vazio e algumas notas de dinheiro, ele se sentiu usado. Eles estavam se dando tão bem, por que ela teria que ir embora daquele jeito, sem nem dar tchau? Será que ela não tinha gostado e estava fingindo para poder sair correndo assim que pudesse? Jay se sentiu como um prostituto após o sexo. Suspirando, pegou o dinheiro, enfiou no bolso e pagou a conta com seu cartão, se indo direto para o hotel se encontrar com Missy, que bombardeava seu celular com mensagens perguntando onde ele estava. Ele definitivamente precisava conversar com ela e Ian para pedir conselhos sobre mulheres.

☆

2 - prólogo de problems, fanfic do wattpad com o spencer reid

Jeanine Arceneaux estava com fome. Ela não sabia há quanto tempo tinha comido pela última vez, nem há quanto tempo estava longe de casa; a única coisa que Jean se lembrava era das palavras claras de sua mãe antes dela ser levada: não abra os olhos, não importa o que aconteça. A voz desesperada de Amelie Arceneaux soava em sua mente repetidamente, como um alerta de que ela não deveria abrir os olhos mesmo com a fome, a dor no corpo e o frio que sentia.

Não. Abra. Os. Olhos.

Mesmo quando seu pai tentou lutar por suas vidas e foi jogado contra um armário de ferramentas, Jeanine não abriu os olhos. Em vez disso, ela apertou ainda mais os braços em volta da cintura de sua mãe, escondendo a cabeça na curva de seu pescoço. Em vez de dar atenção aos grunhidos de dor de Paul Arceneaux e à sua voz trêmula implorando para que soltasse as mulheres de sua vida, Jeanine respirou fundo o perfume de rosas de Amelie, feito na França especialmente para ela, que ela guardava a sete chaves no fundo de seu armário. Jeanine amava aquele perfume.

Não. Abra. Os. Olhos.

Mesmo quando sua mãe foi brutalmente tirada de seus braços e depois o seu grito estridente ecoou através das paredes de concreto frio, Jeanine não abriu os olhos. Em vez disso, ela se encolheu mais no lugar, abraçou os joelhos e escondeu o rosto entre as pernas. Tudo ia ficar bem, ela sabia que ia — sua mãe tinha prometido comprar sorvete de limão para ela quando saíssem dali, e sua mãe nunca quebrava suas promessas; quando saísse daquele lugar, Jeanine iria comer um pote inteiro de sorvete de limão com calda de caramelo e... Seus pensamentos foram interrompidos pelos gritos de dor e pelo choro

desesperado de sua mãe, implorando para que a tortura parasse, para que aquele homem soltasse sua filha, sua filhinha querida.

Não. Abra. Os. Olhos.

Mesmo quando mãos grandes e fortes a seguraram pelos braços e a obrigaram a ficar de pé, Jeanine não abriu os olhos. Mesmo sendo guiada por um longo corredor frio e fedido, despida de seu vestido xadrez vermelho, deitada em uma maca de metal fria e presa pelos pulsos e tornozelos, Jeanine não desobedeceu sua mãe. Mesmo com a barriga doendo e se revirando de fome, com o corpo tremendo de frio e com a garganta dolorida de tanto segurar o choro, Jeanine não abriu os olhos. Quando a ponta fria da faca passou por seu braço, fazendo cócegas e depois causando uma dor terrível, Jeanine fechou os olhos com ainda mais força e tentou se encolher, tirar o braço do que estava a machucando. Ela não chorou alto, não gritou, não abriu os olhos. Jeanine foi a boa garota que sua mãe pediu que ela fosse, o tempo todo. Durante todo o tempo em que esteve lá deitada, Jeanine foi a melhor criança que já passou pelas mãos daquele assassino; aquilo só o compadeceu ainda mais — precisava poupá-la das dores daquele mundo cruel, precisava livrá-la de sentir decepção, tristeza, dor, luto... Jeanine era uma criança boa demais para aquele mundo terrível, ele precisava salvá-la.

Não. Abra. Os. Olhos.

Jeanine sentiu seu corpo antes que pudesse abrir os olhos. As palavras de sua mãe vieram novamente em sua cabeça e, em vez de abri-los, ela fingiu que estava dormindo. Ela sentiu gotas de chuva pingando em seu rosto, um tecido quente e fofinho cobrindo seu tronco e braços fortes a carregando, segurando-a tão forte contra o próprio corpo que Jean chegou a pensar que ficaria roxa e incharia até sua cabeça explodir, como nos desenhos animados que via pela manhã, antes de ir para a escola. Seu corpo todo doía, e ela não conseguiu evitar de gemer quando foi colocada em outra maca, dessa vez coberta por um cobertor quentinho e peludo.

— Ela está acordando. — uma voz masculina constatou, emanando preocupação.

Enquanto isso, a maca começava a andar com suas rodinhas, dando a sensação de que ela cairia. Segurando as bordas da superfície de plástico com a maior força que conseguiu reunir, Jeanine sentiu a maca ser erguida e colocada em algo ainda mais alto. Ela respirava devagar, ainda tentando fingir que estava dormindo — talvez não tivessem visto ela se segurar na maca conforme andavam ou se encolher quando foi erguida.

— Ei, garotinha. — a voz masculina de antes voltou a falar, tocando em seu braço. Jeanine apenas apertou mais os olhos fechados, se recusando a abri-los. Não abra os olhos, não abra os olhos, não abra os olhos. — Você está segura, pode abrir os olhos agora. Ele não pode mais te fazer mal.

Então a mão quente do homem encontrou a sua, tocando-a com tanto cuidado que, se não fosse pelo calor que emanava, Jeanine mal conseguiria senti-la. Era um toque acolhedor, tal como sua voz, e aos poucos o volume da voz de Amelie em sua mente foi diminuindo até

sumir por completo: não abra os olhos, não abra os olhos, não abra os olhos, não... Então, Jeanine abriu os olhos, sendo recebida por uma claridade desconfortável.

A primeira coisa que reparou foi na jaqueta estilo aviador que a cobria até o pescoço; a segunda coisa que chamou sua atenção foram as manchas de sangue que haviam na jaqueta, revestindo o tecido marrom; a próxima coisa que os olhos de Jeanine pararam em cima foi o rosto preocupado do homem que tinha a resgatado: cabelo castanho cacheado, rosto alongado, nariz proeminente e grandes olhos castanhos preocupados; depois, Jean percebeu que estava em uma maca, dentro de uma ambulância ainda parada, sendo tratada por um paramédico.

— Ei, como você se sente? — ele sorriu levemente ao ver que Jeanine tinha aberto os olhos e relaxado um pouco — Você está bem agora, tá? Vamos parar hospital e lá vão te dar um remédio para melhorar. Eu sou o Jason Gideon, vou cuidar de você por enquanto, tudo bem?

— Gideon, e aí? A perícia está... — outro homem entrou na ambulância, parando de falar assim que percebeu que a garotinha estava acordada, sorrindo de forma acolhedora para ela — Oi, como vai? Eu sou o David Rossi. Você consegue falar? Consegue nos contar o que aconteceu?

Jeanine não conseguia falar. Assim que despertou por completo, a única coisa que ela conseguia sentir era a dor de seu corpo, tomando conta de todos os seus pensamentos e sentidos. Tudo nela doía, cada mínima parte de seu corpo. Jean abriu a boca para dizer o que sentia, mas sua voz não saiu; no lugar, um choro desenfreado se iniciou.

Jeanine chorava intensamente, soluçando e tremendo. Ela queria contar o que tinha acontecido, queria contar que só tinha ido passear em um parque com seus pais e que foram levados em um piscar de olhos, queria perguntar onde estavam seus pais, como eles estavam, se também estavam com dor... Mas sua voz não saía. No lugar, apenas um choro alto se fazia presente. Jeanine chorou, chorou, chorou, até sua visão escurecer lentamente e sua consciência desaparecer totalmente.

Ela não deveria ter aberto os olhos.

☆

O relógio tocou exatamente as seis horas da manhã, interrompendo o curto período de sono de Jeanine. Pesarosamente, ela se arrastou para fora da cama, fez sua rotina matinal e se preparou para seu primeiro dia de trabalho no FBI. Não estava ansiosa, como a maioria ficaria; na verdade, Jeanine estava determinada: determinada a não fazer besteira, determinada a dar seu melhor em seu trabalho, determinada a salvar pessoas de passarem pelo mesmo que passou. Jeanine não foderia tudo, não dessa vez.

Se olhou no espelho uma última vez, soltando seu cabelo tingido de preto somente para prendê-lo novamente em um coque firme no topo de sua cabeça. Suspirou, rodou no lugar para ver como estava sua roupa — uma camisa de botão branca e conjunto de blazer e calça de alfaiataria larga nas extremidades, ambos de um azul tão escuro que facilmente seria confundido com preto, além de uma bota preta de salto alto grosso — e colocou os óculos de armação dourada quadrada. Ela finalmente estava pronta.

Jeanine chegou ao escritório quarenta minutos adiantada, o que deu a ela tempo de sobra para sentar em sua nova mesa e organizar suas poucas coisas — um porta lápis preto de alumínio, algumas canetas pretas de gel e mais alguns lápis amarelos comuns, todos bem apontados. Enquanto matava o tempo lendo uma revista qualquer sobre neurociência, o resto de sua nova equipe chegava aos poucos, olhando-a com curiosidade e fofocando entre si como se ela não pudesse ouvir, mas sem tentar qualquer aproximação. Seria ela séria demais para nem mesmo agentes do FBI se aproximarem? O pensamento teria feito ela rir, se estivesse sozinha.

No exato momento em que o relógio marcou oito horas da manhã, Jeanine colocou os pés na sala de reunião, onde seu chefe já estava presente, esperando que a equipe chegasse para introduzi-la. Eles se cumprimentaram com um aceno de cabeça, antes da morena parar ao lado dele.

— Agente Arceneaux. — Aaron Hotchner a cumprimentou, sem ao menos se virar para olhá-la.

— Agente Hotchner. — Jeanine seguiu seu exemplo, mantendo o olhar focado na entrada do ambiente, conforme seus novos colegas adentravam o local.

Quando todos já estavam presentes, o homem ao seu lado limpou a garganta, chamando a atenção de todos para que fizessem silêncio. Assim que pararam de conversar e se sentaram em seus respectivos lugares, Hotchner começou a falar de alguns tópicos principais sobre protocolo e documentação, e sobre alguma reunião que ele teve com a chefe do departamento a respeito da reintegração de Jason Gideon na equipe como agente sênior. Por fim, quando todos os avisos, sermões e comunicados foram dados, Jeanine foi apresentada:

— Como já foi conversado antes, passaremos a ter uma nova agente conosco. — Hotchner começou, antes de dar espaço para que Jeanine desse um passo à frente — Esta é Jeanine Arceneaux, a nova integrante da equipe. — Jeanine acenou com a cabeça, antes que Hotchner voltasse a falar, agora apresentando os membros da equipe a ela, apontando para cada um conforme falava: — Agente Arceneaux, essa é sua nova equipe. Agente Especial Supervisor Derek Morgan — um homem negro e musculoso acenou com a mão e



sorriu de forma sedutora, fazendo com que Jean usasse todo o seu autocontrole para não revirar os olhos —, Agente Especial Supervisora Elle Greenaway — uma mulher de cabelo longo castanho acenou com a cabeça — Agente Especial Supervisor Sênior Jason Gideon — o único rosto conhecido por Jeanine naquela equipe sorriu e acenou com a cabeça — Doutor Spencer Reid. — um homem que aparentava ter a mesma idade de Jeanine acenou com a mão, sorrindo sem mostrar os dentes — Jennifer Jareau, responsável pela mídia. — uma mulher loira sorriu de forma gentil e acenou com a mão. — Agora que as apresentações foram feitas vocês estão livres, por enquanto. Tenho uma reunião com a Strauss agora, então se comportem e cuidem da nova agente por mim, por favor.

A figura alta de Hotchner se retirou da sala, deixando Jeanine em pé no lugar, sozinha com seus novos colegas. A pior parte de ser nova em algum lugar tinha chegado: interagir com as pessoas mais antigas, responder várias perguntas e jogar conversa fora. Jeanine detestava jogar conversa fora.

— Ei, senta aí. — Elle(?) ofereceu, apontando para a cadeira vazia ao seu lado, a qual Jeanine aceitou de bom grado, com um murmúrio baixo em agradecimento.

— E aí, por que veio para a UAC? — Derek Morgan perguntou, curioso.

— Ahn... — Jeanine se remexeu no lugar, um tanto desconfortável pelo interrogatório que se iniciava, pronta para soltar a resposta mais genérica possível: — Sempre gostei de analisar as pessoas e me interessei pelo trabalho que a UAC faz. Eu só juntei o útil ao agradável.

— Quantos anos você tem, Arceneaux? — dessa vez foi Gideon que perguntou, olhando-a como se a incentivasse a ir em frente e conversar realmente com a equipe. Como um pai empurrando a filha pequena para brincar com outras crianças.

— Vinte e d... — ela se corrigiu antes de terminar de falar — Vinte e três. Acabei de fazer vinte e três.

— Jovem. — Foi a vez de Jennifer falar, sempre gentil.

— E mesmo assim o Reid continua sendo o mais novo. — Morgan brincou, dando um soquinho no ombro do mais novo, que só fez uma careta e desviou sua atenção para Jeanine.

— Seu sobrenome é francês, certo? Você é de lá?

— Minha família é, mas eu nasci aqui nos Estados Unidos.

— Ah, que legal, eu... — Spencer foi interrompido por Hotchner, que colocou a cabeça dentro da sala.

— Temos um caso.

Em menos de trinta minutos, todos já estavam no avião, ouvindo Hotch explicar o caso: o sequestro da filha do governador do estado da Virgínia, Amber Cooper. Aparentemente, a garota estava desaparecida há pouco mais de dois dias, após sair de uma festa e seguir para a casa de sua melhor amiga, que não a viu desde então. Não haviam testemunhas, rastros ou objetos deixados para trás, cada palpite era apenas um tiro no escuro.

— James Cooper é um homem influente, bem conhecido. Com certeza ele deve ter inimigos que queiram o atingir, certo? — Morgan começou dando um palpite. — Alguém pode ter sequestrado a garota para chantageá-lo por alguma coisa, talvez para ter algum benefício político ou então para puni-lo por algo.

— Amber também é bem popular na faculdade, pode ser que tenha sido alguém que tenha algo contra ela, e não necessariamente seu pai. — Jeanine opinou. — Garotas universitárias populares e ricas como Amber Cooper não costumam ser as mais gentis, podem agir de forma desagradável sem nem perceber. Pode ser que alguém tenha tentado se vingar por isso. Ou então alguém com inveja dela, seja pela aparência ou pela classe social em que ela se encontra.

— É uma teoria bem provável, na verdade. Cerca de 95% das mulheres sentem inveja de outras mulheres por coisas triviais, sendo 60% desse número apenas jovens entre vinte e trinta anos, a maioria chegando a expor isso de forma agressiva ou odiosa. — Spencer expôs dados a respeito da teoria de Jeanine — Mas, claro, também pode não ser uma mulher. Muitos homens gays sentem inveja de mulheres femininas em um nível que os faz agir de forma agressiva.

— Vamos investigar os dois caminhos. — Hotch ditou, pegando seu celular para fazer uma ligação: — Garcia, investigue se Amber possui conflitos com qualquer mulher que estude ou trabalhe na universidade e possua entre vinte e trinta anos.

— Veja também se consegue encontrar qualquer informação sobre o modo como ela trata as pessoas lá. — Gideon acrescentou a lista de pesquisa.

— E pesquise sobre homens gays que possam frequentar a faculdade. — Reid finalizou, sorrindo amarelo, mesmo que Garcia não pudesse ver.

— Uau, a equipe está a todo vapor hoje, meus amigos. — uma voz feminina surgiu pelo telefone de Hotch, o tom animado enquanto teclas de computador soavam ao fundo — Bem, aparentemente nossa querida vítima não é uma pessoa muito agradável de se ter por perto. Suas postagens nas redes sociais a respeito de outras pessoas são bem maldosas, algumas pessoas também reclamam anonimamente no blog de fofocas da universidade. E com “algumas”, eu quero dizer muitas, Amber era odiada pela maioria das pessoas não-populares da universidade e até por algumas populares. Há alguma característica que vocês consigam me dar para eu diminuir a lista!

— Procure por garotas nada populares, introvertidas, inteligentes. — Jeanine voltou a se pronunciar — O tipo que é perturbada por ser nerd, as típicas mocinhas de filmes adolescentes. Procure também as melhores amigas de Amber, que poderiam odiá-la em segredo.

— Essa voz que meus belos ouvidos captam é nova. — Garcia observou — Qual o seu nome, minha rainha dos perfis criminais!

— Jeanine Arceneaux, é um prazer. — Jeanine respondeu, tímida pela atenção repentina, mas logo mudou de assunto: — Garotos introvertidos, no mesmo perfil que eu falei antes, podem entrar na lista. Qualquer um que tenha sido rejeitado por ela ou a persiga pelas redes sociais podem ser suspeitos. Além disso, há os homens gays, que podem ter inveja de quem ela é ou ciúmes de homens com quem ela sai.

— Oh, a agente nova! Não achei que fosse participar de uma missão logo de imediato. Sou Penelope Garcia, a imperatriz do paraíso tecnológico, é um prazer. — a voz aveludada de Garcia mostrava que ela quase ronronava ao fazer a propaganda de suas habilidades. — A lista ainda está relativamente longa, meus amores. Há oito meninas, três garotos perseguidores rejeitados e cinco homens gays que podem ter ciúmes ou inveja dela.

— Nos mande os dados de cada um por email, por favor. — Hotch pediu, antes de desligar. — Assim que pousarmos, eu e Gideon vamos para o local onde Amber foi vista pela primeira vez. Reid, você vai para a delegacia fazer o perfil geográfico do suspeito. Jean, Elle, vocês vão para a universidade de Amber interrogar os suspeitos e diminuir a lista. J.J., preciso que você fale com o governador e acalme a mídia, por favor.

Todos concordaram, antes de voltar a ler os arquivos do caso, fazendo com que o silêncio se instalasse no ambiente. Somente pela lista de suspeitos, Jeanine podia ver que o caso seria longo, muito longo. Com um suspiro pesaroso, a morena volta a ler seu arquivo de início, procurando por informações que a ajudassem a definir um motivo certo para o sequestro. Que belo primeiro dia de trabalho.